

O PODCAST COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM BANANEIRAS/PB

Vivian Galdino de Andrade, UFPB, Bananeiras, Paraíba, Brasil,
vivetica@hotmail.com

Camila Geovana Pereira Ribeiro, UFPB, Bananeiras, Paraíba, Brasil,
camila.ribeiro3@academico.ufpb.br

Resumo: O presente artigo relata a experiência de produção de um podcast como ferramenta de Educação Patrimonial em Bananeiras-PB. A iniciativa foi realizada na Escola de Artes Ponto de Cultura de Artes AJAC, como fruto das ações do Projeto PROLICEN, programa vinculado a Universidade Federal da Paraíba, Campus III. Fundamentada teórica e metodologicamente nos preceitos da Educação Patrimonial e da Educação Midiática, essa atividade envolveu a realização de oficinas temáticas, pautadas no estudo do patrimônio histórico da cidade de Bananeiras. Como resultados dessas ações, produzimos o podcast “Na Sombra da Bananeira”, disponibilizado na plataforma Spotify. Através dessa experiência, concluímos que as ferramentas tecnológicas, como o podcast, atuam como ponte essencial para a democratização do conhecimento e o protagonismo infantil, transformando os educandos em agentes ativos na preservação do patrimônio cultural local

Palavras-Chave: Educação Patrimonial. Podcast. AJAC.

CAMINHOS INTRODUTÓRIOS

Bananeiras é uma cidade localizada no brejo paraibano que tem seu Centro Histórico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), segundo Decreto Nº 31.842, de 03 de dezembro de 2010. Reconhecida por seus traços históricos, presentes tanto na arquitetura como na cultura local, essa cidade centenária foi berço de cidades vizinhas, preservando sua história através de suas memórias edificadas.

No entanto, apesar da importância simbólica e identitária do patrimônio presente na cidade, a valorização e a preservação desses bens históricos enfrentam desafios, especialmente no que se refere à conscientização do governo e da população local, sobretudo entre crianças e jovens. Nos últimos anos, Bananeiras tem sido intensamente promovida pelas mídias como destino turístico, o que fortalece sua visibilidade, mas também a coloca em um lugar de exploração desenfreada. O turismo predatório torna-se cada vez mais presente e agressivo, ameaçando a preservação do patrimônio ambiental e histórico material.

Nesse contexto, a Educação Patrimonial (EP) surge como “um instrumento alfabetização cultural que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia,

levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido” (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p. 4). Ao articular a EP com os preceitos da Educação Midiática, a utilização de ferramentas tecnológicas e digitais nos auxilia a desenvolver mídias sociais que tematizem o patrimônio histórico (Ferrari *et al.*, 2020), permitindo que a tecnologia atue como ponte para a democratização do conhecimento.

Nosso arcabouço teórico-metodológico repousa nos fundamentos da Educação Patrimonial (EP). Ela se configura como uma metodologia que orienta o processo educativo, permitindo que as pessoas conheçam, reconheçam e se apropriem do patrimônio cultural que as cerca. Neste contexto, sua utilização em espaços escolares e não escolares está prevista pelo IPHAN, quando cita que

[...] a Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação¹.

Assim também endossa Horta, Grunberg e Monteiro (1999), quando defende que a EP é uma fonte de informação valiosa sobre a rede de relações sociais e o contexto histórico um dia vivenciado, sendo dotada de significado pela/para sociedade. Foi com esse propósito que planejamos nossas oficinas, aproximando as crianças da história que as cerca. Espaços não escolares, como a Escola de Artes Ponto de Cultura AJAC, trazem uma prática pedagógica que amplia o conceito de educação e de participação coletiva, favorecendo a formação integral do sujeito. Também nesses espaços é possível fazer uso de um método e de recursos didáticos. Para Gohn (2016), na educação não formal

O método nasce a partir de problematização da vida cotidiana; os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como necessidades, carências, desafios, obstáculos ou ações empreendedoras a serem realizadas; os conteúdos não são dados a priori. São construídos no processo. O método passa pela sistematização dos modos de agir e de pensar o mundo que circunda as pessoas (Gohn, 2016, p.64).

Unir a EP a um contexto de educação não escolar potencializou o debate sobre o patrimônio histórico como conteúdo a ser trabalhado no currículo. Assim, nosso projeto “Escola de Artes Ponto de Cultura AJAC: Valorização da arte e da cultura local em Bananeiras

¹ Citação disponível em: Citação disponível no Site do IPHAN, consulte em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>. Acesso em 06 de fev. 2026.

– Ano II² caminhou pela seguinte trajetória metodológica: 1. Planejamento de atividades sob os princípios da EP; 2. Desenvolvimento de Oficinas; 3. Produção do Podcast “Na Sombra da Bananeira”.

Conduzimos nossas oficinas em parceria com a agenda de trabalhos da Escola de Artes AJAC. Tais atividades estiveram baseadas no ‘Manual de Atividades de Educação Patrimonial de Bananeiras’, produzido pelo Grupo de Pesquisa História da Educação do Brejo Paraibano - HEBP³. Neste sentido, o presente artigo traz a intenção de relatar essas experiências, associando a Educação Patrimonial e a Educação Midiática, como bases da produção de um podcast.

REFLETINDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO PATRIMÔNIO

A preservação do patrimônio está diretamente alinhada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente no que se refere à promoção de cidades e comunidades sustentáveis (ODS 11), à garantia de uma educação de qualidade inclusiva e equitativa (ODS 4) e à proteção da vida terrestre (ODS 15). A conservação dos bens culturais e naturais contribui para a manutenção das identidades locais, o fortalecimento do tecido social e a promoção do desenvolvimento sustentável, ao mesmo tempo em que estimula o respeito à diversidade cultural e ambiental.

Se o patrimônio histórico compõe a agenda dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, por que ele ainda não protagoniza esse debate em Bananeiras? Essa questão nos direciona a outras: O que significa/simboliza o patrimônio histórico em uma comunidade? Como conhecê-lo? Como preservá-lo? Para Encarnação (2024, p. 3),

Corre sério risco de ser corriqueira a palavra ‘patrimônio’, de tanto ouvirmos pronunciar, a propósito de tudo e de nada. De um modo geral, pondo de parte a noção econômica, de riqueza, o significado original mantém-se: «patres» são os antepassados, «patrimônio» é o que eles nos legaram. Nem sempre se atentarà, todavia, que à palavra está, por conseguinte, intimamente ligada a ideia de «pertença» ou, para se usar bem sugestiva imagem literária, a ideia de raiz, simultaneamente a força que agarra e que faz desabrochar. O passado e o futuro intrinsecamente unidos.

Como cita o autor, o patrimônio está ligado ao sentimento de “pertença”, de se sentir parte integrante de algo. Sua constituição perpassa diversas dimensões, podendo ser de origem

² O presente Projeto foi submetido ao edital Nº 9 / 2024 - PRG - CPPA do Programa PROLICEN da UFPB. O Projeto foi desenvolvido entre os anos de 2024 e 2025. Essa experiência deu origem ao trabalho de conclusão de curso “Na sombra da Bananeira”: a produção de um podcast como ferramenta de educação patrimonial em Bananeiras/PB”, de autoria de Camila Geovana Pereira Ribeiro e Vitória Danielle Tomaz da Costa.

³ Confira o espelho do grupo no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPQ: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9244025594549006> Acesso em: 17 mar. 2026.

“material” (bens concretos) e/ou imaterial (bens culturais). Os de natureza imaterial contemplam as práticas culturais e cotidianas, os saberes e as artes de fazer que se tornam marcas identitárias de uma memória. Já os de natureza material se constituem por todos os elementos históricos palpáveis, como centros e fontes históricas, museus, jornais e demais objetos que sinalizam a história de uma comunidade o patrimônio se define como “todos os bens, materiais e imateriais, naturais ou construídos, que uma pessoa ou um povo possui ou consegue acumular”⁴.

Para o IPHAN, “as áreas de Patrimônio Natural são reconhecidas pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade”. São sítios com áreas de excepcional diversidade biológica e da paisagem. Neles, a proteção ao ambiente, ao patrimônio arqueológico, o respeito à diversidade cultural e às populações tradicionais são objeto de atenção especial”⁵. Em Bananeiras, os sítios arqueológicos de Umari (trata-se de tradição Itacoatiara (gravuras sobre a rocha)), Pedra Preta (sítio de difícil acesso, localizado na propriedade de José Graciano, a 10km de Bananeiras) e Gruta dos Morcegos (único sítio da tradição agreste, localizado no sítio Roma de Baixo), são sítios rupestres pré-históricos que infelizmente ainda não se encontram protegidos por nenhuma legislação local, e que ainda não são conhecidos amplamente pela comunidade.

É nesse cenário que criamos o podcast “*Na Sombra da Bananeira*”, uma produção educativa desenvolvida com crianças matriculadas na ‘Escola de Artes - Ponto de Cultura AJAC’. Utilizamos essa ferramenta como instrumento de educação patrimonial, com vistas a despertar o conhecimento e a valorização do patrimônio histórico e cultural de Bananeiras. A iniciativa da produzir esse podcast parte do pressuposto de tomar essa ferramenta educativa como um meio de sensibilização para a preservação do patrimônio de Bananeiras/PB.

Dessa forma, as mídias deixam de ser apenas ferramentas de apoio e passam a ocupar um papel mais importante na construção do conhecimento no contexto educacional contemporâneo. Nessa perspectiva, a produção de podcasts vem se consolidando como uma linguagem acessível e atrativa para a disseminação de conteúdos educativos. Vale destacar que o ‘podcast’ se diferencia do ‘instacast’ e do ‘videocast’. Mesmo sabendo que eles são formatos de mídia digital relacionados, possuem características distintas. O ‘podcast’ é um conteúdo em áudio, produzido em episódios para serem ouvidos a qualquer momento, ideal para consumo em localização ou multitarefa. O ‘videocast’, por sua vez, é uma versão audiovisual do podcast, ou seja, combina áudio e vídeo, sendo assistido e ouvido, geralmente em plataformas como

⁴ Citação presente no seguinte endereço eletrônico: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em 07 jun. 2025.

⁵ Consulte essa citação no seguinte endereço eletrônico: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/414>. Acesso em 07 set. 2025.

YouTube. Já o ‘instacast’ é um formato condensado criado especialmente para redes sociais como Instagram, combinando elementos visuais com áudio para interação imediata com o público. Essas diferenças impactam tanto a forma de produção quanto o modo de consumo dos conteúdos, adequando-se a diversas preferências e contextos

Trabalhar com essas mídias digitais, de maneira geral, exige a compreensão de Educação Midiática. Essa educação traz como meta formar um “cidadão educado midiaticamente, ou seja, que sabe ler criticamente todas as informações que recebe, que utiliza corretamente as ferramentas de comunicação para fortalecer a sua autoexpressão e que participa de maneira consciente, ética e responsável do ambiente informacional” (Ferrari *et al*, 2020, p.7). Ao estimular a criatividade, a colaboração, o engajamento e a autonomia, estamos desenvolvendo competências digitais fundantes da Educação Midiática.

O podcast, nesse contexto, se relaciona à educação midiática ao promover habilidades como leitura crítica de mídias, autoexpressão e participação ética no ambiente digital, alinhando-se diretamente ao conceito de "cidadão educado midiaticamente". O consumo crítico, por meio da escuta ativa em episódios educativos, desenvolve a análise de narrativas sonoras, essenciais para produção do conhecimento. Na educação patrimonial, o podcast atua como ferramenta acessível e imersiva para registrar, disseminar e valorizar memórias culturais locais, transformando educandos em agentes ativos de preservação.

NA SOMBRA DA BANANEIRAS: A PRODUÇÃO DE UM PODCAST PARA A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

F1: Podcast.



NA SOMBRA DA BANANEIRA

Fonte: <https://open.spotify.com/show/6rWrCWSGfc9CYDfN6EzMsX>. Acesso em: 18 mar. 2026.

O Podcast “Na Sombra da Bananeira” está composto por 10 episódios com duração entre 3 e 6 minutos, que abordam diferentes aspectos da história, da memória e das manifestações culturais de Bananeiras. Seus episódios foram elaborados a partir de roteiros de gravação, produzidos com a participação das crianças matriculadas na Escola de Artes. Essa escola é coordenada pela Associação de Jovens da Arte e Cultura (AJAC), que foi criada em

REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

Associação de Jovens da Arte e Cultura

24 de novembro de 2007, com a missão de “contribuir para o desenvolvimento sociocultural da Região do Brejo Paraibano, por meio do fortalecimento da diversidade cultural, da dignidade humana, da economia criativa e solidária, além da proteção do patrimônio histórico-cultural” (Projeto AJAC, 2023).

No ano de 2024 a 2025, a escola oferecia aulas de teatro, dança, capoeira, música, biscuit, yoga e educação patrimonial. As aulas em EP aconteciam nas terças-feiras, manhã e tarde, com duração de 1h30min cada aula. Nosso projeto foi desenvolvido nesse espaço entre os meses de março e setembro de 2025, nele desenvolvemos diversas oficinas, mas apenas as que foram expostas no Quadro 1, a seguir, foram utilizadas como foco primordial para a produção dos episódios do podcast.

Quadro 1: Oficinas e Gravação dos Episódios do Podcast

Tema: Palavras usadas de forma pejorativa e racista. Atividade: Encontrar palavras substitutas para as expressões.	Gravação do Podcast: Episódio 1 - Expressões que não devemos usar.
Tema: Conhecendo os Sítios Arqueológicos de Bananeiras. Atividade: Construindo tintas com pigmentos naturais para reprodução de escrituras rupestres.	Gravação do Podcast: Episódio 2 - O Universo dos Sítios Arqueológicos.
Tema: A família como nosso primeiro patrimônio. Atividade: Construção de uma árvore genealógica.	Gravação do Podcast: Episódio 3 - Nossa Família, Nosso Patrimônio.
Tema: Histórias e Saberes da nossa cidade. Atividade: Construção da Maquete da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Livramento.	Gravação do Podcast: Episódio 4 - Patrimônio Material e Imaterial, qual a diferença?
Tema: Tradições Juninas como Patrimônio Cultural Atividade: Oficinas culturais de caracterização e construção do instrumento musical sanfona.	Gravação do Podcast: Episódio 5 - São João é Patrimônio, Sim Sinhô!
Tema: A história do Túnel da Serra da Viração. Atividade: Construção da maquete com os alunos.	Gravação do Podcast: Episódio 6 - O trem chegou a Bananeiras
Tema: Minhas memórias, minhas histórias: um olhar sobre as memórias individual e coletiva. .	Gravação do Podcast: Episódio 7 - Nossa Memória, Nosso Patrimônio.
Tema: Patrimônio Vivo na Paraíba e em Bananeiras. Atividade: Construindo o mapa da comunidade.	Gravação do Podcast: Episódio 8 - Nosso Patrimônio, Cultura Que Respira
Tema: Redescobrimo o Coreto: Memória, Arte e Patrimônio Atividade: Construção do mini coreto da praça.	Gravação do Podcast: Episódio 9 - A Praça Epitácio Pessoa.
Tema: Turismo Consciente Atividade: Produção de um Manual dos Pontos Turísticos de Bananeiras.	Gravação do Podcast: Episódio 10 - Turismo Consciente e Patrimônio.

Fonte: Tabela produzida pelas autoras, 2026.

Foram um total de dez oficinas dedicadas, tão somente, às gravações dos episódios. O tema trabalhado surgiu do debate com as crianças, que após discussão se reuniam para a

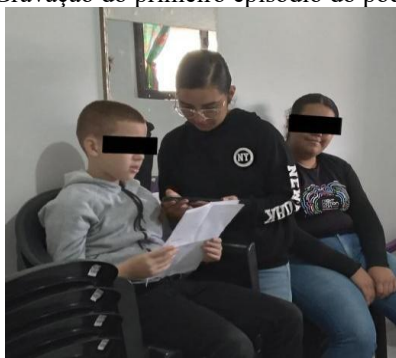
produção do roteiro. Para a produção dos episódios, optamos por utilizar ferramentas acessíveis e de baixo custo, garantindo que o projeto fosse replicável e focado no processo criativo das crianças. Para a captação do áudio, utilizamos o gravador de voz existente no celular. As falas de cada participante foram gravadas individualmente, o que facilitou a etapa de edição. O material bruto de cada episódio era então compilado e editado usando o aplicativo InShot em sua versão gratuita. Por fim, para que os áudios fossem compatíveis com a plataforma de podcast, utilizamos o conversor online Audio Converter para transformar os arquivos para MP3. Os episódios foram então disponibilizados na plataforma de streaming Spotify, utilizando o serviço do site Spotify for Creators.

O nome que intitula o podcast também se deu em meio a uma escolha coletiva. Diversos nomes foram sugeridos, entre eles "Turminha do Patrimônio", "Descobrimos Histórias", "BananaCast" e "Bananeirices Patrimoniais", mas a escolha final recaiu sobre o nome "Na Sombra da Bananeira", inspirado nas árvores (os pés de banana) que dão o nome à própria cidade.

O podcast foi desenvolvido de forma colaborativa, envolvendo os seguintes passos: 1. Roteirização dos episódios a partir das temáticas trabalhadas nas oficinas; 2. Gravação dos episódios com a participação direta das crianças; 3. Edição e publicação dos episódios na plataforma Spotify; 4. Criação de um texto de apresentação para cada episódio (sinopse) e 5. Divulgação local para a comunidade. Um grupo de 19 crianças, com idades entre 7 e 12 anos, regularmente matriculadas nas atividades da Escola de Artes foram as autoras do podcast.

A Figura 2 ilustra a gravação do episódio inaugural, intitulado como **"Expressões que não devemos usar!"**, e marca a união entre a educação patrimonial e a educação para as relações étnico-raciais, utilizando a linguagem como elo fundamental. A produção foi precedida por uma oficina que sensibilizou as crianças sobre como o racismo se manifesta no vocabulário cotidiano, baseando-se em estudos sobre o racismo linguístico para desconstruir expressões naturalizadas.

F2: Gravação do primeiro episódio do podcast.



Fonte: Acervo das autoras (2025).

As crianças atuaram com protagonismo ao explicar a origem de termos pejorativos e sugerir alternativas inclusivas, como a substituição de “criado-mudo” por “mesa de cabeceira”. Essa abordagem lúdica e dialógica permitiu interromper ciclos de preconceito, reforçando que “a prática antirracista é urgente e se dá nas atitudes mais cotidianas” (Ribeiro, 2019, p. 28). Ao final do processo, as crianças atuaram como agentes de mudança, evidenciando que o cuidado com as palavras é essencial para a valorização da identidade e construção de um futuro mais ético e justo.

O episódio 2, intitulado de “**O Universo dos Sítios Arqueológicos**”, foi estruturado a partir de oficinas sobre fontes históricas que destacaram a relevância dos vestígios materiais para a memória cultural. Com embasamento no estudo de Azevedo (2010), a atividade explorou o potencial arqueológico do brejo paraibano, enfatizando os sítios da Gruta dos Morcegos, Umari e Pedra Preta. A metodologia reforçou que a EP é um instrumento essencial e “pode ser aplicada a qualquer evidência material ou manifestação da cultura, seja um objeto ou conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou acidentado” (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p. 6).

F3: Oficina de produção das próprias tintas.



Fonte: Acervo das autoras (2026)

Durante a experiência, os educandos participaram de uma oficina sensorial de fabricação de tintas com pigmentos naturais, como mostra a imagem F3, simulando as técnicas da arte rupestre para compreender a interação da arte rupestre com o meio ambiente. O conteúdo do episódio uniu rigor científico a uma linguagem acessível, permitindo que as crianças internalizassem o conhecimento e se tornassem agentes multiplicadores da preservação local. Essa apropriação afetiva ficou evidente na fala de uma das participantes, ao afirmar que “conhecer os sítios arqueológicos é uma forma de valorizar o patrimônio que temos bem pertinho da gente”.

Dando continuidade, o episódio 3 “**Família, nosso primeiro Patrimônio**” foi produzido a partir da oficina de construção de uma árvore genealógica, na qual discutimos com

as crianças a noção do primeiro patrimônio que possuímos, que é a nossa família. A atividade permitiu refletir sobre a importância de preservar a memória familiar como forma de transmitir o legado histórico de geração em geração. Inspirada nas propostas de atividades práticas publicadas no ‘Manual de Educação Patrimonial’ do IPHAN (Grunberg, 2007), a oficina buscou mostrar que objetos, histórias e tradições familiares também fazem parte do universo do patrimônio cultural e contribuem para a formação da identidade das crianças.

Conforme destacam Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 18), “A educação patrimonial tem início no ambiente familiar, onde as crianças recebem as primeiras noções de identidade, pertencimento e valores culturais, tornando a família o primeiro espaço de contato com o patrimônio cultural, antes mesmo da escola”. Esse processo de reconhecimento das próprias raízes fortalece laços comunitários e capacita os jovens como agentes ativos na preservação da história local de Bananeiras.

O Episódio 4 “**Patrimônio material e imaterial, qual a diferença?**” originou-se de uma oficina lúdica que utilizou o contexto local de Bananeiras/PB para explicar, de forma acessível, a distinção entre patrimônio material (como os bens tangíveis, a exemplo de igrejas, casarões e praças históricas) e patrimônio imaterial (ligado às práticas, saberes, celebrações e manifestações culturais transmitidas entre gerações). Para aproximar a teoria da realidade dos alunos, foram utilizados exemplos práticos como a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Livramento e a Peteca de Banana⁶. A metodologia incluiu a confecção de maquetes, permitindo que as crianças compreendessem a dimensão social e histórica do patrimônio arquitetônico por meio da atenção aos detalhes.

O episódio 5 “**São João é Patrimônio, Sim Sinhô!**” foi fruto de uma oficina que explorou as festas juninas como patrimônio cultural imaterial, unindo teoria e práticas sensoriais. A atividade promoveu o mergulho das crianças no universo das festas de São João, tão famosas na Paraíba, por meio da caracterização junina e da confecção de instrumentos musicais, como a sanfona. Durante a gravação, os participantes destacaram elementos como quadrilhas, comidas típicas e a transformação de Bananeiras em um arraial, evidenciando a relevância cultural e turística da festividade para a cidade. Essa perspectiva reforça um aprendizado que vai além da teoria, conforme defendem Horta, Grunberg e Monteiro (1999):

⁶ A Peteca da Banana é oficialmente reconhecida como patrimônio gastronômico imaterial de Bananeiras, PB. Trata-se de uma sobremesa tradicional, preparada com bananas maduras amassadas, farinha de trigo, ovos, leite e manteiga, frita em porções achatadas como “petecas”, polvilhada com açúcar e canela, e frequentemente servida com sorvete ou mel de engenho. Essa iguaria foi declarada patrimônio cultural imaterial pela Lei Municipal nº 771, de 26 de outubro de 2017.

O patrimônio não fica restrito aos grandes monumentos ou referências dos grandes heróis, mas ele é vivo porque possui uma grande variedade de expressões que denominam os aspectos da sociedade brasileira: artesanatos, maneiras de pescar, moradias, culinária, danças, músicas, modos de falar, de vestir, rituais, festas religiosas e populares, relações sociais (Horta, Grunberg e Monteiro, 1999, p.6)

O Episódio 6 “**O trem chegou a Bananeiras**” originou-se da oficina que debateu o Complexo da Estação Ferroviária e o Túnel da Serra da Viração como marcos históricos da cidade. Inaugurados na década de 1920 e tombados pelo IPHAEP, esses espaços são lugares de memória consagrados em Bananeiras. A atividade resgatou o legado da ferrovia no escoamento da produção cafeeira e sua função social, discutindo-a até a desativação em 1967. Na etapa prática, os alunos recriaram o túnel utilizando materiais recicláveis, transformando a percepção técnica do monumento em um símbolo de identidade histórica.

Durante a gravação do podcast, os discentes narraram a trajetória histórica da ferrovia, evidenciando sua patrimonialização. A eficácia dessa transposição didática é sintetizada na fala de uma das participantes, quando cita: “*E todo mundo saiu sabendo que o túnel é mais do que uma pedra furada... é um símbolo de memória da nossa cidade!*”.

O episódio 7 “**Nossa memória, nosso patrimônio**” explorou a importância da memória individual e coletiva na constituição da identidade, abordando as lembranças afetivas ligadas aos sentidos e aos objetos. Fundamentada na premissa de que a memória articula o indivíduo ao coletivo, a atividade permitiu a construção de identidade através de experiências pessoais e sociais. Segundo Grunberg, Horta e Monteiro (1999):

A memória é um processo que articula o indivíduo e o coletivo, possibilitando a construção da identidade a partir das experiências pessoais e das referências compartilhadas socialmente. Na relação com o patrimônio, a memória coletiva reúne saberes, histórias e práticas que enriquecem a compreensão sobre as manifestações culturais e sua continuidade (Horta, Grunberg e Monteiro, 1999, p.14)

Durante a gravação, as crianças discutiram como heranças simbólicas e ritos materializam a memória cultural, utilizando como exemplo a lenda do Túnel da Serra da Viração para conectar patrimônio e oralidade. A eficácia dessa abordagem é percebida na fala de uma das participantes, quando resume: “*O importante é perceber como até as lendas fazem parte da nossa memória coletiva e também do nosso patrimônio*”. A fala dela demonstra como a atividade transformou o conceito de patrimônio em algo pessoal e próximo, levando as crianças a ressignificarem suas próprias histórias e as de sua comunidade.

O episódio 8 “**Nosso Patrimônio, Cultura que Respira!**” explorou o conceito de patrimônio vivo, enfatizando que ele se manifesta em práticas sociais e saberes transmitidos

entre gerações. A fundamentação teórica baseou-se nas definições do IPHAN, que compreende bens imateriais como saberes, celebrações e formas de expressão aplicadas a domínios da vida social. Durante a prática, os educandos elaboraram um mapa comunitário, identificando espaços cotidianos como casas, escolas e mercados, o que permitiu conectar grandes bens culturais à experiência sensível e social das crianças. Na gravação, os participantes dialogaram sobre exemplos regionais, como o São João e a Feira de Campina Grande, além de riquezas locais de Bananeiras, como a Igreja Matriz, sítios arqueológicos e a Dança do Lesou. A eficácia dessa abordagem pedagógica é sintetizada no depoimento de uma das participantes: *“O patrimônio não tá só nos livros tá na nossa história, nas nossas famílias e nas ruas onde a gente caminha!”*.

O episódio 9 **“A Praça Epitácio Pessoa”** foi construído a partir da oficina que explorou a história e a relevância cultural deste espaço central em Bananeiras. Através do estudo de materiais de apoio e da construção de uma miniatura do coreto com materiais recicláveis, os alunos compreenderam a evolução da praça, desde sua inauguração em 1922 até sua consolidação como um local de lazer e manifestações culturais. A atividade destacou a importância social das praças como espaços de sociabilidade e integração entre o patrimônio material e imaterial. Segundo o IPHAN (2025), “a praça e as construções contidas no sítio inscrito são peculiares em retratar sua importância histórica e social para a vida da cidade”. Na gravação do episódio, as crianças conduziram um passeio narrativo resgatando elementos como o Monumento da Independência e o Coreto Marcos Ribeiro, reafirmando a praça como um símbolo de identidade e memória coletiva que deve ser preservado.

O Episódio 10 **“Turismo Consciente e Patrimônio”** encerra a série do podcast *“Na Sombra da Bananeira”* e foi preparado a partir de uma oficina com as crianças sobre a importância de pensar o turismo de forma sustentável e respeitosa com o patrimônio histórico e cultural. A atividade foi fundamentada em conceitos de turismo sustentável, incentivando a valorização da economia local e o respeito às práticas culturais da comunidade.

Figuras 4, 5 e 6: Construção do manual turístico de Bananeiras e gravação do último episódio do podcast.



Fonte: Acervo das autoras (2026)

REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

Na etapa prática, os educandos produziram um manual ilustrado dos pontos turísticos da cidade, como o Engenho da Rainha e o Túnel da Viração, que serviu como recurso de sensibilização para um turismo educativo. O debate sobre o turismo sustentável e o turismo predatório foi o foco de nossa aula. Uma das participantes evidenciou: “*Por isso, cuidar dos nossos pontos turísticos é cuidar da nossa própria identidade*”. O episódio propõe, assim, uma visão transformadora, na qual a preservação do patrimônio é compreendida como condição essencial para um futuro sustentável.

Considerações finais...

Pensar a Educação Patrimonial associada a uma Educação Midiática aponta a eficácia para dessas concepções na formação cidadã e no engajamento das novas gerações. O podcast “Na Sombra da Bananeira” consolida-se como um caminho de conhecimento do patrimônio histórico de Bananeiras, podendo ser uma ferramenta inovadora para o debate da história local.

As oficinas que precederam a gravação do podcast foram essenciais para despertar nas crianças o interesse pelo patrimônio cultural da cidade. As opiniões das crianças, apresentadas em suas próprias vozes nos episódios, mostram que os conceitos foram bem assimilados. Elas passaram a ver o patrimônio como algo presente nas ruas, nas histórias, nos costumes familiares e nas palavras que usam.

Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, Carlos Alberto. Sítios pré-históricos de Bananeiras-PB. **TARAIRIÚ – Revista eletrônica do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB**, Campina Grande, ano I, v. 1, n. 1, set. 2010.
- FERRARI, Ana Cláudia; OCHS, Mariana; MACHADO, Daniela. **Guia da Educação Midiática**. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.
- GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. **Investigar em Educação – IIª Série**, n. 1, p. 35–50, 2014.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Educação Patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN, 2023. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>. Acesso em: 24 fev. 2026.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN).. Brasília, DF: IPHAN, Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>. Acesso em: 25 fev. 2026.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelyn; MONTEIRO, André Quintão. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Iphan; Museu Imperial, 1999.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

